



**A voz que insiste em se levantar: as representações femininas em *Malcriadas* de Maria José Silveira**

The voice that insists on rising: the female representations in *Malcriadas* by Maria José Silveira

Fabília dos Santos Silva Martins<sup>1</sup>

Nismária Alves David<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo aborda as personagens femininas em *Malcriadas* (2006), de Maria José Silveira, a fim de destacar como elas se posicionam em um contexto de questionamento da realidade de uma sociedade patriarcal. A referida narrativa propõe uma reflexão crítica acerca do lugar do feminino e do poder que as mulheres têm sobre si mesmas. Recorre-se ao aporte teórico de Butler (2008) e Dalcastagnè & Leal (2010), dentre outros, para evidenciar de que maneira o texto literário pode cumprir um papel emancipador ao demonstrar a realidade à medida que a questiona.

**Palavras-chave:** Representação feminina, literatura, mulher, Maria José Silveira.

**ABSTRACT:** This paper approaches the female characters in *Malcriadas* (2006), by Maria José Silveira, in order to show how they position themselves in a context of questioning the reality of a patriarchal society. This narrative proposes a critical reflection on the place of the feminine and the power that women have about themselves. The theoretical contributions of Butler (2008) and Dalcastagnè & Leal (2010), among others, are used to show how the literary text can perform an emancipatory role by demonstrating reality while questioning it.

**Keywords:** Female representation, literature, woman, Maria José Silveira.

**Para início de conversa**

A literatura ocupa um espaço importante na história da humanidade. Por meio da arte da palavra, os escritores têm eternizado significativas questões que se referem à identidade – tanto individual quanto coletiva –, à memória e à cultura dos povos. O sociólogo e crítico literário Antonio Candido, em seu texto *O direito à literatura* (2004), salienta que essa arte concebida, em um sentido mais amplo, parece corresponder a

---

<sup>1</sup> Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás

<sup>2</sup> Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, Professora da Universidade Estadual de Goiás.

uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. Além disso, ela se configura como um poderoso instrumento de formação e educação. Ao confirmar e negar, propor e denunciar, apoiar e combater possibilita-nos viver dialeticamente os problemas (CANDIDO, 2004).

As produções literárias propiciam um exercício de pensar, rever, reviver, questionar e reinventar as histórias e as realidades que nos cercam. Tendo em vista tais posicionamentos e trazendo ao centro da discussão o universo feminino, direcionamos nosso pensamento a um campo literário que tem sido colocado em evidência nos últimos anos, propiciando-nos inúmeras reflexões: a literatura de autoria feminina.

A voz feminina ficara por séculos na clausura dos moldes patriarcais que, mediante vários artifícios, reforçava historicamente esse silenciamento de tal identidade. Contudo, as mulheres, por meio de suas insistências e resistências, em suas produções literárias, “vão aos poucos rompendo essa espécie de ‘cárcere da linguagem’”, em um primeiro momento através desses pseudônimos masculinos, durante o século XIX, na tentativa de transpor as barreiras que lhes foram duramente impostas (CARRIJO, 2006). Como destaca Constância Lima Duarte (1997, p. 87), o uso dos pseudônimos também era um modo de “driblar a crítica e, ao mesmo tempo, se protegerem da opinião pública”, pois muitas foram as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para serem consideradas escritoras.

A importância de uma literatura produzida por mulheres perpassa por diversos pontos. Além de legitimar um espaço negado no cânone que fora tomado pelo silenciamento da autoria, esse local de enunciação traz consigo outras ponderações, que afetam intimamente o público leitor, especificamente, as leitoras. Diante disso, interessa-nos trazer a discussão acerca da representação feminina que encontramos nas obras produzidas por mulheres. Tendo seu lugar na literatura e por este favorecer um universo de inquietação e questionamento da condição feminina, refletimos sobre o papel da mulher na sociedade, direcionamos um olhar crítico para o lugar do feminino e o seu poder sobre sua própria vida.

A pesquisadora Regina Dalcastagnè, em *Imagens da mulher na narrativa brasileira* (2007), afirma que o corpo feminino é um território em permanente disputa, sobre o qual se inscrevem múltiplos discursos [...]. Isso se explica, pois os lugares legítimos de enunciação ainda são ocupados predominantemente por homens com sua própria perspectiva social. Ainda que estes sejam sensíveis e solidários aos problemas

femininos, o que nem sempre acontece, “os homens nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. E, como “o olhar não dobra a esquina”, alguma coisa sempre se perde” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 127-128).

De acordo com a assertiva de Dalcastagnè (2007), podemos depreender que as representações da figura feminina nas narrativas escritas por mulheres tendem a possuir uma perspectiva significativamente diferenciada do que aquela subscrita sob o olhar e experiência masculinos. As distintas representações às quais aqui nos referimos apontam diferentes modos de encarar a situação da mulher na sociedade, o que, por conseguinte, envolve o realismo e a fantasia, desejos e temores, ativismo e preconceito (DALCASTAGNÈ; LEAL 2010, p. 40). De fato, o gênero é constituído por meio das relações sociais, em que se evidenciam as relações de poder entre homem e mulher, sendo que é por meio da linguagem que se estabelecem as diferenças entre os sexos que resultam em violência simbólica, como já disse Duarte (1997).

Para a mulher tomar consciência da sua própria condição e seguir em busca de seu lugar no campo literário marcadamente dominado por homens, o movimento feminista foi fundamental. A esse respeito, Duarte (2003, p.1) destaca que o feminismo alterou as relações entre homem e mulher e, nessa perspectiva, o termo pode ser compreendido de modo amplo como a ação que protesta contra “a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo”.

Nessa perspectiva, propomo-nos realizar uma análise acerca da representação feminina na literatura. Para tanto, selecionamos um livro da escritora goiana Maria José Silveira, intitulado *Malcriadas*, narrativa produzida em 2006 e publicada pela Editora Edições SM. Trata-se da história de três mulheres de gerações diferentes de uma mesma família, que sofreram uma série de preconceitos, julgadas simplesmente por escolherem levar vidas fora dos padrões impostos pela sociedade patriarcal, longe do que se esperava delas. O enredo centra-se na vida dessas personagens femininas, contado pela narradora em primeira pessoa e, por meio dessa voz que insiste em se levantar, são retratadas as questões que envolvem as representações das mulheres em uma sociedade marcada por preconceitos e imposições ao feminino. É nesse universo que vamos adentrar!

### **Fomentando nosso debate – mulheres em cena**

No universo das narrativas de autoria feminina, deparamo-nos com a realidade ainda latente do pouco acesso do público leitor a essas obras, situação inquietante e que traz consigo vários fatores intrínsecos, tais como a exaltação dos cânones e sua grande valorização e divulgação, resultado das “ilhas de edição” em detrimento da literatura escrita por mulheres, como bem descreve Ramos (2010) ao refletir sobre a literatura produzida por homens.

Embora tenha ganhado espaço, a literatura de autoria feminina ainda está às margens e essa tentativa de silenciamento é muito recorrente. Tal conjuntura de apagamento no decorrer do tempo, como já foi dito, levou muitas mulheres a utilizarem pseudônimos masculinos na assinatura de suas produções (DUARTE, 1990 *apud* CARRIJO, 2006), um esforço para garantir a leitura e a valorização de suas obras, apesar de tirarem delas o que há de mais legítimo, a verdadeira autoria.

Perante essa situação, tal qual explicita Duarte (1990), os críticos literários manifestam constantemente seu constrangimento em fazer crítica de textos femininos, devido ao ineditismo da situação. Segundo a autora “os críticos franceses, na sua opinião, seriam portadores de “inapreciável vantagem” porque estariam “desobrigados das cortesias” que as convenções sociais impunham no tratamento a uma mulher” (DUARTE, 1990, p. 19-20).

Mesmo que possuíssem valor literário considerável, a chancela feminina dos escritos lhes creditava certo desmerecimento, devido ao espaço que as mulheres ocupavam dentro da sociedade (CARRIJO, 2006). A literatura de autoria feminina era, então, associada ao corpo feminino que, por assim ser, delimitava e determinava o espaço marginalizado da mulher/escritora no campo literário. Nessa conjuntura,

[...] durante certo tempo, foi frequente uma demarcação crítica que enfatizava a cisão entre a escrita masculina (proveniente da tradição androcêntrica) e a escrita feminina (produto do desafio ao cânone), cuja perspectiva associava diretamente texto e sexo biológico do escritor ou escritora. Como parte desse momento, a expressão “escrita feminina” surge um tanto relacionada ao corpo físico das autoras, uma vez que era preciso uma afirmação do diferencial que as mulheres-autoras poderiam constituir em relação ao cânone literário tradicionalmente composto por nomes

masculinos. No entanto, uma das controvérsias geradas pelo uso do termo relaciona-se ao risco de se essencializar a escrita das mulheres, reduzindo aos aspectos biológicos e anatômicos a existência de uma linhagem feminina de autoras que, nesse caso, seria diferenciada da linhagem masculina simplesmente por pertencerem ao sexo feminino (BORGES, 2013, p. 26-27).

Como bem se percebe nos dizeres de Borges (2013), o lugar da produção de autoria feminina é deveras questionado, mesmo que saibamos que a qualidade de uma obra adentra por um emaranhar de elementos muito mais sutis que uma mera questão de sexo. Por isso, torna-se um equívoco, tal qual a pesquisadora salienta, “essencializar” a escrita das mulheres.

Diferentemente do sexo que é natural, para Butler (2008), a construção do gênero ocorre na cultura. Certamente, o *locus* de fala da mulher é diferenciado do que cabe aos homens, mas o que se pretende, na verdade, com tais inferências é por à prova a qualidade daquilo que é produzido por elas, como se a condição biológica do sexo pudesse interferir na qualidade literária de tais produções. Contudo, o que se nota é que

A literatura produzida por mulheres é aquela que envolve o gênero humano, aborda temas universais e que se diferencia por meio do ponto de vista, de temas abordados, de universos criados e, principalmente, do meio social da qual se origina e das condições antropológicas, socioeconômicas e culturais (TEIXEIRA, 2008, p. 48).

Notoriamente, a construção literária que advém da voz feminina é outra, mas a universalidade de seus temas e a riqueza não são comprometidas, por serem enunciações de um ponto de vista diferenciado daquele que já nos fora por vezes trazido pelo olhar masculino. Estamos inseridas em um lugar de fala que não é esse a que o homem pertence. Diante disso, a literatura produzida por mulheres abrange a conquista da identidade e da escrita, de escritoras que saem das margens onde foram mantidas e passam a alcançar um lugar seu.

Ào serem transpostas as barreiras do anonimato, da necessidade da utilização de pseudônimo masculino para conseguir que seus nomes pudessem ser conhecidos e suas vozes fossem ouvidas, a literatura feminina passa a vivenciar um processo de reconstrução da categoria “mulher”, no que tange à questão de sentido e lugar para a reconstrução do feminino e para a recuperação de experiências emudecidas pela tradição cultural dominante (TEIXEIRA, 2008).

Apesar de todos os caminhos percorridos, ainda há muito que se trilhar para que a literatura feminina ganhe o espaço merecido sem que haja olhares duvidosos e preconceitos que antecedem a leitura de tais obras. Contudo, é importante nos lembrar de todos os degraus que avançamos e não permitir que nos forcem a retroceder. O silenciamento ainda bate à porta das escritoras quando as obras não são divulgadas e quando os cânones não são redimensionados. Assim, cabe-nos promover essas revisitações a fim de reavivar sempre essas discussões. Os pesquisadores têm a possibilidade de colocar em debate a autoria feminina e demonstrar sua qualidade estética, além de buscar um lugar de evidência para as autoras que merecem tal reconhecimento.

Associada à questão sobre autoria, outra vertente adentra essa análise, como já apresentamos anteriormente, as representações do feminino por meio das personagens da obra selecionada de Maria José Silveira. Por meio das relações de gênero estabelecidas pelo patriarcado e a imposição machista de valores, o pensar acerca das formações identitárias muito tem a contribuir com essas demandas. Ao povoar o contexto dos enredos das narrativas, essa temática é trazida ao centro dos debates sobre gênero, uma vez que nos faz refletir sobre o fato de que:

Os homens [...] tendem a construir posições para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência. A cultura molda a identidade. Pode-se aceitar essas posições ou reivindicar outras. Por isso, algumas reivindicações na formação das identidades das mulheres contemporâneas acontecem por meio do apelo a antecedentes históricos e ao fazê-lo elas podem estar construindo, assumindo e se identificando com novas identidades. Assim a construção da identidade é, além de simbólica, social e histórica (BARBOSA, 2009, p. 3).

O questionamento que propicia a desconstrução de relações opressoras está latente na contemporânea obra literária de Silveira e, analisando e repensando essas formas de interação, podemos tornar fluente essa discussão. Se a sociedade patriarcal oprime e silencia, o contato questionador com a literatura, que por inúmeras vezes faz uso de suas atribuições enquanto objeto questionador da realidade, seja pela presença do padrão ou negação deste, pode favorecer a desconstrução das identidades de submissão e resignação às quais muitas vezes estão fadadas as mulheres.

Ao mesmo passo que ganham espaço no cenário das produções como escritoras, as mulheres continuam sendo objeto de representação literária tanto pelas mãos de autores homens quanto de autoras mulheres (DALCASTAGNÈ; LEAL, 2010). Desse modo, nas últimas décadas, na medida em que se transformou a posição feminina nos diversos espaços sociais, a narrativa contemporânea se configura como um campo especialmente fértil para se analisar o problema da representação (como um todo) das mulheres no Brasil hoje, evidenciando nesse processo o caráter plural da condição feminina (DALCASTAGNÈ; LEAL, 2010), aspecto que pretendemos evidenciar na narrativa de Silveira.

Em se tratando dessa temática da desconstrução dos modelos sexistas e patriarcais, Jonathan Culler (1999) observa que desconstruir uma oposição é mostrar que ela não é natural e nem inevitável, mas uma construção, produzida por discursos que se apoiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de desconstrução que busca desmantelá-la e reinscrevê-la – isto é, não destruí-la, mas dar-lhe uma estrutura e funcionamento diferentes (CULLER, 1999, p.122). É exatamente isso de que precisamos: o questionar e nos reinventar para alterar esses moldes, sabendo que será um processo lento e que requer vontade e esforço.

Toda a questão de gênero que determina o lugar do feminino na sociedade e que traz consequências devastadoras para as mulheres – como explicitado por Silveira em sua obra –, é um comportamento performático, uma vez que o gênero se constrói no e pelo discurso, exatamente na performance. Dessa forma, nas palavras de Butler (2008), não existe uma identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido, desse modo, não seriam esses verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora (BUTLER, 2008, p. 201).

O que evidencia a volatilidade dessas construções, uma vez que, em sociedades diferentes e em épocas distintas, é possível observar papéis desempenhados por

mulheres que seguem padrões fora de qualquer padrão formal. Situação essa que altera, de forma simbólica, os papéis sociais que performatizam nesse momento. No que se refere a esses papéis, Guacira Lopes Louro (2003) nos adverte que:

seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas (LOURO, 2003, p. 24).

Os argumentos apresentados por Louro nos faz rememorar os dizeres de Simone de Beauvoir de que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Nesse sentido, performamos um ser mulher com base naquilo que a sociedade nos impõe. Respaldados por toda uma história que lhes garantiu esse poder sobre o feminino, os homens tendem a construir posições para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência, o que vai definindo a identidade das mulheres pelos modelos culturais. Contudo, cabe-nos ou aceitar essas posições ou reivindicar outras.

Em *Malcriadas* (2006), Maria José Silveira coloca-nos diante de uma narrativa epistolar, na qual Fernanda (Nanda) conta para sua amiga Lu os segredos de família revelados por sua mãe, Stelamaris, sobre o passado da avó Albertina. Convém aqui esclarecer o termo epistolar que designa um gênero cultuado desde a Antiguidade, principalmente, em termos bíblicos e durante o Império Romano, quase adormecido como gênero de manifestação literária durante a Idade Média e que ressurgiu no Renascimento (século XVII) na forma do então denominado romance epistolar, que teve seu auge no século XVIII. Desde então, tem sido um gênero constantemente revisto, em deslizamentos conceituais, mas, de alguma forma, sempre atuante, em maiores ou menores proporções, no meio literário (FUSARO, 2016).

No enredo, o passado dessas mulheres, que por inúmeras vezes fora negado à narradora, vem à tona quando esta chega aos seus quase completos 13 anos de idade, pois está vinculada a esse segredo agora revelado. A narrativa se centra nas figuras femininas da família de Nanda e nas desventuras de três gerações de mulheres marcadas pelas imposições de uma sociedade sexista e patriarcal, que as julgou e as



condenou veementemente por suas escolhas e crenças fora dos padrões estabelecidos.

Depois de muito se negar a contar a história da família para sua filha e depois de tantas insistências, Stelamaris decide revelar os segredos que cercam o passado que vivera em uma pequena cidade do interior: “– Está bem Fernanda. Acho que já está mesmo na hora” (SILVEIRA, 2006, p. 8). Entendendo que Nanda vivera uma infância muito diferente da que a mãe e a avó viveram, com o intuito de fazê-la entender como se deu tudo e como era possível tal realidade, Stelamaris resolve iniciar a história contando um pouco da própria infância, antes de contar a da avó, onde se queria chegar.

A narradora entrelaçando seus sentimentos com as palavras da mãe vai contando sobre tudo o que ouviu para a melhor amiga, Lu, que está em uma viagem de férias. E descreve:

O mundo mudou tanto do tempo de nossas avós para o nosso, Lu, que minha mãe pensou que eu ia achar o que aconteceu com minha avó Albertina completamente inacreditável. Era esse o nome da minha avó: Albertina. [...] A vida em uma cidade de interior em geral muda de maneira tão lenta que parece estar parada, ela disse. [...] minha mãe nasceu quando minha avó era muito nova, quase menina. Tinha apenas *treze anos*, você acredita? (SILVEIRA, 2006, p. 9-10).

Aos treze anos de idade, Albertina, uma menina grávida em uma cidade do interior, onde “as famílias eram muito severas, e a vida das crianças era cheia de proibições. Ainda mais a vida das meninas, educadas com muito mais restrições do que os meninos. Elas não eram educadas para trabalhar e ter uma profissão” (SILVEIRA, 2006, p 13). Para elas, estava reservada as funções de esposas e mães, o único destino possível para as boas moças da sociedade. O que explicita claramente os posicionamentos apresentados por Barbosa (2009) à medida que afirma que os homens tendem a construir posições para as mulheres, tomando a si próprios como pontos de referência, de tal modo que a cultura molda a identidade, cabendo a estas aceitarem essas posições ou reivindicarem outras.

Embora necessário esse posicionamento, considerando que Albertina viveu há décadas em uma sociedade bem mais rígida, machista e preconceituosa, não fora essa uma opção tranquila, muito menos indolor. A esse respeito, Nanda revela:

Mas nessa cidade, com todas essas circunstâncias, Albertina, minha avó, foi diferente e criou a filha de um jeito bem diferente [...] Minha avó tinha um jeito muito especial de encarar a vida e não dava a mínima para a maioria das coisas que as outras mães da cidade consideravam importantes. Em vez de encher a cabeça da filha de proibições, sua preocupação era explicar o que, a seu modo de ver, valia a pena explicar. [...] Depois, deixava-a livre (SILVEIRA, 2006, p. 13).

O modo de Albertina enxergar o mundo não respeitava os preceitos que a sociedade lhe impunha na época, tudo que ela queria era ver a filha feliz, sem dar qualquer importância ao que lhe diziam. O peso de suas ações e o julgamento da cidade deixavam claro que para uma mulher ter valia perante todos deveria seguir o destino que fora determinado e ter, inclusive, ao seu lado uma figura masculina que lhe legitimasse: “– Afinal, como poderia educar bem a filha se ela própria nunca teve educação? Ainda mais uma filha sem pai! É isso mesmo, Lu. Minha mãe foi criada sem pai. Minha avó Albertina foi a primeira mãe solteira da cidade” (SILVEIRA, 2006, p. 14).

De fato, essa é uma construção produzida por discursos que se apoiam nela e, ao trazer à tona tais temáticas, podemos demonstrar que esta se configura como uma construção num trabalho de desconstrução que busca desmantelá-la e reinscrevê-la - isto é, não a destruir, mas dar-lhe uma estrutura e funcionamento diferentes (CULLER, 1999). A gravidez na adolescência já é um tema recorrente na sociedade, isolada a questão do despreparo emocional e até físico de uma gestação tão precoce, a obra de Silveira nos faz refletir sobre os preconceitos que cerceiam essas adolescentes, que muitas vezes se encontram na mesma posição de Albertina: mães solas, entregues à própria sorte e rondadas pelos olhares julgadores da sociedade.

Ainda menina, Stelamaris conta que sempre andara orgulhosa e feliz ao lado da mãe, “no entanto, ainda muito nova começou a sentir outra coisa: os olhares que, depois que as duas passavam, pareciam queimar suas costas mais do que o sol

escaldante do meio-dia” (SILVEIRA, 2006, p. 27). E a jovem Nanda, ouvindo tudo o que a mãe lhe conta, só consegue questionar:

- Como é possível, mãe, *uma cidade* não gostar de vocês? Não estou entendendo – eu disse. – Como assim, não gostavam?
- Devido a todas essas coisas que estou tentando lhe explicar, minha filha. Porque sua avó era diferente. Porque me educava de uma maneira diferente. – E as meninas e meninos, seus amigos? Você não tinha amigos de sua idade? – Nenhuma menina. As mães não deixavam as filhas serem minhas amigas (SILVEIRA, 2006, p. 28).

Ao não se enquadrar no papel determinado para ela na sociedade, Albertina sofre o peso do julgamento alheio ao se negar a performar esse lugar do feminino criado através das determinações sociais. Ela não incorpora a posição de menina/moça prendada que se prepara pura e casta para esperar o marido e assumir a posição de cuidadora dele e dos filhos, uma postura de submissão e silenciamento.

Como já citamos Butler (2008), os atributos e atos do gênero são performativos e não medidos por uma identidade preexistente. Não passam de construções sociais que determinam o que se deve esperar do ser feminino em uma sociedade, e àquelas que se negam a tomar posse desse papel resta-lhes o julgamento, o preconceito e a exclusão.

Nanda conta na carta para Lu que, à medida que Stelamaris vai ficando mais velha, vai percebendo os olhares, passa a sofrer bullying na escola e começa a ouvir a mãe ser chamada de meretriz. Diante da situação, Albertina revela sua história, como descreve a neta: Ela nascera um mês depois que seu pai morreu, a mãe imersa em profunda tristeza renega a filha temporã e a abandona a deus-dará, que em consequência cresce imersa em ignorância sem saber nada da vida. Não fora educada como as outras meninas da sociedade, razão pela qual não seguia os padrões daquela sociedade, não apresentada a preconceitos e a papéis sociais, cresceu livre.

Sua liberdade e a falta de orientação geraram toda aquela situação que se delineara em sua vida, quando ficou grávida, “não tinha a menor ideia de que estava ficando grávida” (SILVEIRA, 2006, p. 42). Romero, pai de Stelamaris, era um forasteiro que passara pela cidade, pelo qual Albertina se apaixonara. Ele foi embora e nunca

mais deu notícias. A menina descobriu que estava grávida e, nas palavras de Nanda, ninguém deve ter ficado mais surpreso que ela, que não sabia o que estava acontecendo.

Albertina, a menina que vivera largada sem cuidados e educação, vê-se grávida, sozinha e julgada. Indo contra as expectativas, cria a filha com todo o cuidado, ensinando tudo o que acredita ser importante para que ela fosse feliz. Julgada pela sociedade, mantinha sua alegria, mas infelizmente teve que ver a filha sofrer pelas ocorrências do seu passado. Ao não poder lidar mais com a situação, Stelamaris parte para outra cidade e segue sua vida, tornando-se uma conhecida atriz. Entretanto, a mãe continua ali, naquela pequena cidade, vivendo pelo seu esforço de exímia doceira.

Ouvindo toda essa narrativa, paradoxalmente, Nanda se entristece e se alegra, entendendo o quanto a sociedade era (e, às vezes, ainda é) má e vil em relação àqueles que se recusam a seguir os padrões pré-estabelecidos, que na maioria das vezes recai pesadamente sob os ombros das mulheres.

Desse modo, como já discutimos anteriormente, se a sociedade patriarcal oprime e silencia, o contato com a literatura, com seu aspecto questionador da realidade, pode influenciar positivamente a desconstrução das identidades de submissão e resignação às quais, por inúmeras vezes, as mulheres estão fadadas. E é exatamente esse questionar que possibilita o repensar das posturas que apresentamos em relação ao diferente, uma vez que “tudo isso também é uma forma de preconceito. Não aceitar quem é diferente. Achar que o nosso jeito de ser é único possível e o melhor (SILVEIRA, 2006. p. 91).

Enfim, apesar dos cuidados e receio de Stelamaris em revelar sua própria história, aquilo não parece para sua filha uma questão tão significativa assim, como bem adverte Nanda: “no começo fiquei tão espantada com tudo que nem percebi que, na verdade, o segredo da minha família não tem nada de ruim. É triste, mas não tem por que ser escondido. Não devia ser segredo” (SILVEIRA, 2006, p. 94). E conclui que: “todos os ‘exemplos de vida’ da minha avó, tudo o que aconteceu com ela e minha mãe... são como um pequeno tesouro que ganhei de aniversário. São parte do meu passado e da minha vida. São parte de mim” (SILVEIRA, 2006, p. 95). Quando a personagem conhecer sua história, ela compreende questões significativas que levaram a vida a ser como é, revelando as dores e as vitórias das fortes mulheres que a cercam. Sem dúvida, essas representações femininas em *Malcriadas* traduzem a

contestação de comportamentos duramente colocados às mulheres pela sociedade patriarcal, valorizando a liberdade feminina. E ainda levam os seus leitores a darem atenção à importância da mulher que se inclui como escritora no campo da literatura.

### **Apenas o princípio de um longo caminho...**

Todas as discussões propiciadas por narrativas como *Malcriadas* são apenas o início de um debate, uma porta entreaberta que precisa ser escancarada para o mundo. Falar sobre o feminino e/ou feminismo em uma sociedade tão imersa em padrões de comportamentos e preconceito não é nem um pouco simples. Mas, como todo caminho precisa ser iniciado para ir ao longe, essa é uma narrativa fundamentalmente válida, certamente apenas o princípio desse longo caminho de transformação.

Analisando e sentindo com a narradora do enredo as dores que marcaram a história de sua avó e de sua mãe, fica nítido como a sociedade pode ser cruel com o diferente, salienta a coragem que devemos ter para confrontar o patriarcado e a necessidade dessa discussão. Falar sobre gênero, sobre as representações femininas é um desafio necessário e vai ao encontro de um profundo desejo de uma sociedade que se posicione mais pacífica e respeitosa diante do diferente. A literatura por ser libertária em sua essência funciona muito bem ao propiciar esses questionamentos, ao jogar cartas na mesa e desafiar os moldes, colocando em dúvida as imposições de sociedades sexistas e preconceituosas.

Por meio da voz de Nanda, é explicitado todo um processo de tentativa de silenciamento e de exclusão da personagem Albertina. Contudo, por sua coragem e leveza ao encarar a vida, ela se vê livre e, por consequência, cria a filha para ser também diferente, livre e feliz. Nanda, Stelamaris e Albertina são os reflexos de figuras femininas necessárias, questionadoras e que se posicionam diante das situações, colocando em questão os padrões patriarcais. Desse modo, a obra de Maria José Silveira, ao se direcionar para o seu potencial público-leitor adolescente, não sendo exclusivo a ele, possibilita pensar temáticas – como as questões de gênero e a condição feminina – tão atuais e válidas não só para os jovens, mas para toda a sociedade.

### **Referências**

- BARBOSA, Ângela Márcia Damaceno T. *A literatura infantil e a construção da identidade feminina e masculina*. V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, BA: UFBA, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*, v.I, II. Tradução Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BORGES, Luciana. *O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina: um estudo de Clarice Lispector, Hilda Hilst e Fernanda Young*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. *Remate de Male: Revista do Departamento de Teoria Literária*, São Paulo, n. esp., p. 81-89, 1999.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CARRIJO, Silvana Augusta Barbosa. Rompendo as fissuras do interdito. *OPSIS*, v. 6, n. 1, p. 33-43, mar. 2006.
- CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.
- DALCASTAGNÈ. Regina; Leal. Virgínia Maria Vasconcelos. *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.
- DALCASTAGNÈ. Regina. Imagens da mulher na narrativa brasileira. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira*, v. 15, p. 127-135, dez. 2007.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*. vol.17, n.49. São Paulo, set./dez. 2003. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010). Acesso em 02 set. 2021.
- DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: Aguiar, Neuma. *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 85-94.
- DUARTE, Constância Lima. Literatura Feminina e crítica literária. *Travessia: Mulher e literatura*. n° 21, p. 15-23, 1990.

- FUSARO, Márcia. Da Literatura Epistolar à E-pistolar: Panorama em Rede(finições). *Tríade: Revista de Comunicação, Cultura e Mídia*: v. 4 n. 8 (2016), Comunicação & Literatura.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Talentos e formosuras: novas vozes, novos espaços. In: DALCASTAGNÈ. Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.
- SILVEIRA, Maria José. *Malcriadas*. São Paulo: Ed.SM, 2006.
- TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. *Escrita de mulheres e a (des)construção do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses*. Guarapuava, PR: Unicentro, 2008.